



ITALIA — CASTELLO DE FERRARA.

FERRARA, capital da legação do mesmo nome nos estados pontifícios, é uma cidade de 30:000 habitantes, pouco mais ou menos. A população de toda a provincia calcula-a Malte-Brun, na sua Geographia, em 250:000 almas.

Abatida do antigo esplendor, Ferrara, ainda hoje é uma povoação de bastante importancia, bem edificada, e cortada de ruas espaçosas, direitas e limpas, sendo algumas de grande extensão, como por exemplo a de S. Bento.

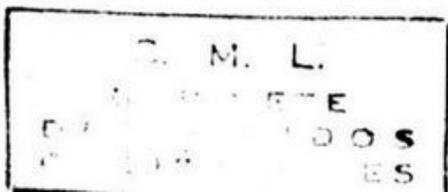
De todos os seus edificios, o que desde logo chama a attenção do viajante, que ali passa, é o castello, ou palacio gothico dos antigos duques; só o exterior faz lembrar a illustre casa de Este, e os formosos versos do Ariosto e do Tasso, porque interiormente foi reedificado no gosto moderno. As cinzas do primeiro d'estes poetas descansam no Lyceo, e no hospital de S. Anna mostra-se ainda o lugar onde o segundo, sob pretexto de loucura, esteve encarcerado sete annos por ordem de Affonso, duque de Ferrara. No palacio *del Magistrato*, residencia do *gonfalonero*, encontram-se admiraveis pinturas; é n'esse palacio que se reune a academia *degli Intrepidi*, que tomou em 1803 o nome de academia

Ariostea, e em 1814 o de academia scientifica e litteraria *degli Ariostei*. A cathedral é de bello estylo gothico; na igreja de S. Francisco ha um echo que repete dezeseis vezes os sons: a igreja de S. Bento, e convento annexo, distinguem-se pela amplidão da fabrica, e elegancia da architectura. A bibliotheca publica contém cêrca de 80:000 volumes, e 900 manuscritos, entre os quaes se encontram alguns cantos do *Orlando furioso* do Ariosto, a *Gerusalemme* do Tasso, e o *Pastor Fido* de Guarini. A casa de Ariosto pôde tambem considerar-se como um dos mais preciosos monumentos de Ferrara.

No *campo santo*, antiga cartuxa, admiram-se alguns mausoléus magnificos; a praça maior, ornada primeiro com a estatua do papa Alexandre VII, depois com a de Napoleão, e finalmente com a de Ariosto, é tambem digna da attenção do forasteiro curioso.

Um terço da população de Ferrara compõe-se de judeus, os quaes vivem em um bairro separado, que é aliás o mais limpo e agradável da cidade.

Ferrara é patria do cardeal Guy Bentivoglio, de João Baptista Guarini, de J. B. Riccioli, e do famoso Lelio Gregorio Giraldi.



ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

DO ANTIGO ESPLENDOR DA CASA DE BRAGANÇA.

AS FESTAS DO CASAMENTO DE D. THEODOSIO II.

IV.

*Decorações das salas e camaras do paço;
bairellas e alfaias.*

PARA se fazer porém uma idéa, não diremos completa, mas pelo menos o mais aproximada, das galas e riqueza, que por esta occasião ostentou a casa de Bragança, é mister que voltemos ao paço de Villa Viçosa.

Iriamos muito longe se tentassemos descrever todas as salas e camaras, que ali se viam cobertas d'alto a baixo de veludo e setim, recamados de ouro e prata. Bastará, sem duvida, dar conhecimento de algumas.

A antecâmara da duqueza D. Anna de Velasco estava armada de tela de ouro frizada com alcachofras de prata, e guarnecida de franja de ouro. Tinha um docel de tela de ouro aveludada de carmezim com alcachofras de ouro e prata. As cadeiras eram de veludo com franjas de ouro e retroz. Outra sala contigua estava decorada da mesma maneira; só com a differença de ter um grande tocheiro de prata, em que ardia uma tocha durante toda a noite. As telas com que se ornava a camara eram irmãs em tudo ás das salas precedentes. O docel era de tela de ouro com as armas ducaes bordadas no meio, e com sanefas bordadas. Debaixo do docel estavam duas cadeiras de igual estoffo, e proximo d'elle sobre um estrado, coberto com rica alcatifa, o leito nupcial. O sobreceú e as cortinas da parte da cabeceira eram iguaes ás do docel; as do lado dos pés eram de uma fazenda ligeira amarella bordada de flôres de prata, verdes e encarnadas, e forrada de setim encarnado lavrado de ouro e prata. As maganetas e os alamares das cortinas eram tecidos de fio de ouro e prata. Sobre o estrado, e junto do leito, viam-se quatro almofadas feitas da mesma fazenda do docel. Um bofete coberto com um panno igual, e uma cadeira raza de veludo carmezim, em que se collocava um grande castiçal de prata, completavam o adorno d'esta camara. A casa da guarda-roupa, e a sala do tocador tinham as mesmas armações.

Com igual riqueza estavam decoradas as salas e camaras do duque, da duqueza D. Catharina, sua mãe, e de seus irmãos, D. Duarte, D. Alexandre e D. Philippe.

As salas, que occupou o conde de Haro, irmão da duqueza, excepto a de dormir, eram armadas de guadamecins (1) de ouro e verde, ou de ouro e azul; e os docéis de veludo carmezim com franjas e bordaduras de ouro. Cadeiras e pannos dos bofetes do mesmo estoffo.

A camara estava armada de guadamecins de grutesco de arcos de prata com figuras douradas. O docel era de tela branca frizada com alcachofras de prata, e sanefas de veludo vermelho com rendas de ouro. O leito d'estado tinha por baixo varandas, e por cima era todo dourado. Formavam o sobreceú pannos alternados de veludo vermelho e tela branca frizada com alcachofras de prata, divididos por entremeios de largas rendas de ouro. Assim eram também as cortinas da cabeceira e a colcha. As cortinas

da parte dos pés eram de damasco branco e vermelho com intermeios de rendas de ouro.

Com pequena differença se achavam guarnecidas as salas e quartos occupados por D. Blasco de Aragón, D. Pedro Girão, D. Affonso e D. Antonio de Velasco, D. Philippe de Navarra, e outros fidalgos, que acompanhavam o conde de Haro.

A sala de jantar ostentava magnificencia verdadeiramente real. Achava-se armada de guadamecins de ouro com as armas da casa de Bragança. No fundo da sala, junto da parede, havia um grande estrado alcatifado, sobre o qual estava a meza de jantar. Cobria-a um docel de veludo carmezim todo bordado de ouro e prata, tendo no centro as armas ducaes. Encostadas ás duas paredes do lado esquerdo de quem entrava na sala erguiam-se duas riquissimas copas, ou, como hoje se chamam, aparadores, em fórma de throno, e cobertos com docéis de veludo. Ornavam o primeiro cento e cincoenta e tres peças de prata dourada, vasos, bandejas, jarros e outras variedades de objectos de differentes feitios e delicados labores. O segundo ostentava quarenta e cinco peças de prata, umas todas douradas, outras em parte; e noventa peças de prata branca, tudo lavrado com o maior primor. Junto dos aparadores viam-se ainda mais duas mui grandes bacias, quartas, tocheiras, e outros objectos de notavel grandeza, tudo de prata. E advirta-se, que toda esta baixella era usada simplesmente para ornato, e inteiramente separada da que servia na capella, na meza, nas camaras dos duques, de seus irmãos, e nas dos hospedes. Para o serviço das mezas haviam tres riquissimas baixellas, que n'estas festas serviram alternadamente: uma de ouro e prata lavrada; outra de prata liza, e de cristal; a ultima de procelana da China, mui estimada e rara n'aquelle tempo.

Taes foram as festas com que se solemnizaram estas nupcias, cujo primeiro fructo foi o restaurador da independencia de Portugal, D. João, 2.^o entre os duques de Bragança, e 4.^o na serie de nossos reis. A maior parte d'essa immensa riqueza de joias, baixellas e alfaias foi empregada na sustentação de nossos foros de nação independente, e na expulsão dos hollandezes das nossas terras do Brazil.

I. DE VILHENA BARBOZA.

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE.

Na Arcadia Elmano Sadino.

Entre ferros cantei desfeito em pranto.
Valha a desculpa, se não vale o canto!

VI.

BELMIRO Transtagano, (nome pastoril de Belchior na Arcadia) era um verdadeiro poeta, auctor de apologos deliciosos, e de louvados dithyrambos, que em alguns trechos magnificos hombream com os bons modêlos. Figural-o como trovador irrisorio, negar-lhe as qualidades, que as obras attestam, e por amor proprio querel-o rebaixar á infima plebe dos rimadores insulsos, deshonra da arte, era da parte de Bocage uma injustiça sem desculpa. Não havia de certo igualdade de talento entre os dous, faltando por isso a baze á rivalidade, que entre elles asopravam os entredadores das facções poeticas; mas havia no primeiro dotes de grande cantor, e aptidão reconhecida para generos, que ninguem cultivou no seu tempo com mais gosto.

(1) Tapeçaria antiga.

Estava-se já longe da imitação correcta do Gargão, e da simplicidade pastoril do Quita. Os successores da antiga Arcadia meditavam e limavam menos; punham os olhos nos exemplares francezes, e desviavam-se do trilho da escola greco-romana, a cujas tradições sacrificaram exclusivamente os severos reformadores do seculo do marquez de Pombal. Nem Elmano, nem Semedo, nem José Agostinho constrangiam os impetos, castigando com a mesma disciplina inexoravel a inspiração da sua musa. Como que adivinharam, que vinha proximo o dia da grande revolução litteraria, e apressaram-se para que ella os não colhesse. Philinto Elysio, o mais latino dos nossos poetas, abria sem o prever as portas á renovação chamada romantica pela versão dos Martyres e de Oberon; e respirando no ar de Paris as primeiras brizas da estação moderna, mandava-as á patria, innocente dos effeitos que deviam produzir. Chateaubriand já tinha nascido gigante; Byron dentro em pouco ia romper, em uma satyra famosa, a serie dos seus arrojados audazes, quebrando da harpa a corda das consolações religiosas. Em Portugal, Bocage suspirava nas cantatas os doces gemidos de Hero e de Ignez; na Medea e no Tritão vasava na estreita fórma das regras classicas a idéa romantica applicada a assumptos da invenção pagã; ao passo que naturalisava em traducções inimitaveis os quadros descriptivos da escola de Delille, e o mais imaginoso dos poemas romanos, as Metamorphoses de Ovidio!

Curvo Semedo, sem subir tão alto, nem emparelhar o vôo com o de Elmano, dava com as suas fabulas um sabor original aos deleitosos apologos de Lafontaine, que o mestre não acharia indignas do seu nome; e na embriaguez delirante do dithyrambo unia a sciencia do metro á audacia da phrase e á belleza da imagem. Manuel Maria não o ignorava, porém pungia-se de que existisse quem merecesse quasi a par d'elle o applauso publico. Da sua parte Belchior, animado pelos elogios dos entendedores, e certo das suas forças, não cedia uma linha, não voltava as costas á provocação, e encarava desassombrado o conflicto. As diligencias para os reconciliar foram baldadas; nenhum d'elles se sujeitava a recuar um passo. Estimando-se no intimo, tinham-se maltratado com tanta crueldade, que se julgariam deprimidos estendendo a mão, e jurando a paz. Assim continuou o combate até á enfermidade, que arrebatou Bocage. Adversario e não inimigo, Curvo Semedo inclinou-se então para o leito de dôr, e com a alma nos labios saudou o cysne moribundo.

Com a sepultura diante, e as sombras da morte sobre o rosto, não havia receio de que Elmano tomasse por fraqueza o testemunho da verdade. O cantor, que lhe offerecia a corôa, representava já a posteridade; como ella corria um-vêu sobre as paixões do homem, para admirar sómente o esplendor do vate.

Os dous emulos jogaram as armas da injuria com reciproco furor; sendo para notar, que Belchior fosse mais activo e vehemente do que Elmano. Os tiros, que lhe disparou, frequentes e venenosos, deviam doer excessivamente no amor proprio do repentista, e sem o corregir, fazer-lhe sentir os inconvenientes da inclinação satyrica. Pouco depois do seu regresso da India, Semedo obsequiou-o em um soneto, aonde entre muitas se encontram as seguintes amabilidades:

Morreu Bocage! Sepultou-se em Goa!
Chorae, moças venaes; chorae, pedantes,

O insulso estragador de consoantes,
Que tantos tempos aturdiu Lisboa!

Este que vês com olhos macerados,
Não é Bocage, não, rei dos bregeiros;
São sómente os seus ossos descarnados,

Fugiu do cemiterio aos companheiros;
Anda agora purgando os seus peccados,
Glozando aos pelos outeiros.

N'outra poesia Belchior, alludindo a Manuel Maria, não lhe lançava frechas menos afiadas:

«Passei tres dias em fazer dez versos!»
A fofa vate Euripedes dizia:
«Pois eu, diz-lhe elle, faço mil n'um dia.
«Não duvido (lhe torna o sabio em troco)
«Porém com esta differença, oh louco,
«Que os meus dez serão mil annos prezados
«E os teus mil nem tres dias supportados.»

Emfim na sua epistola a Quintanilha redobram os epigrammas á facilidade de Bocage. Reproduzindo o dito de Boileau sobre os admiradores estultos, não se sacia de ferir no adversario:

E é comtudo applaudido, porque um nescio
Acha outro nescio, que lhe dê louvores. . .

Mas hoje para ser poeta insigne
Basta dizer: *Componho inclitos versos!*
E depois de vestir com falsas côres
Hyperbole ou antithese rangosa,
Exclamar: *Isto é meu, isto não morre!*
O amor proprio dá leis, reina a vaidade.

Sabido o orgulho de Elmano, e o melindre do seu ciume, é facil imaginar o effeito, que taes pinturas causariam. Habitado a rebater no escudo os golpes de contrarios debeis, e a sepultal-os entre risadas, avalie-se a sua mortificação, achando armado diante de si um homem, que não voltava o rosto, e que possuia dotes de poeta. Irritado e implacavel dirigiu-lhe tambem epigrammas sobre epigrammas, e em soberbos versos procurou debalde aniquilar o merito, que na sua consciencia não se atrevia a contestar. Os olhos, cegos de odio, não viram senão manchas nas obras de Semedo, fechando-se ás bellezas. O uso ás vezes excessivo e pueril dos diminutivos, que desfeia algumas poesias de Belmiro, serviu-lhe de pretexto para as cobrir de ridiculo, vingando as offensas da vaidade:

Belmiro, que entre os pampaos farfalha,
Affectando entoar canções divinas
Fez, cançado d'asneiras pequeninas,
Uma, que até percebe a vil gentalha.

N'esse idilio, em que Fauno irado ralha
O divino amador das phrases finas
Poz o cornudo Pan, deus das campinas,
De brugos a beber na vinea talha:

Que mesquinhez de vate, que insolencia!
Tudo por cinco réis, quando o mofino
Co'um pucaro poupava esta indecencia!

Em outro soneto despacha-o rei dos pigmeus, de-ferindo-lhe a palma de vate cesareo no reino dos anões:

Junto ao Tejo, entre os tenros Amorrinhos
As belmiricas musas pequeninas,
Para agradar a estupidas meninas
Haviam fabricado uns bonequinhos:

Eis Tagide louçã de eburneo collo,
A quem não vencerá, por mais que lucte
O nosso Belmirinho, anão de Apollo,

Surge d'agua, e lhe diz: — «Filhinho, escute:
Olhe com que noticia hoje o consolo!
E poeta do rei de Lilipute!

Era de certo desforçar-se como mestre, pagando as dividas com escrupulo. Ninguem com satyra mais cortante cunharia o escarneo no rosto do antagonista; nem de um defeito leve tiraria maior vantagem. Outro que não fosse Belchior succumbia no encontro, suffocado pelos braços possantes do athleta; mas Semedo tinha para resistir a consciencia do seu talento e a sua reputação. O Lafontaine portuguez, se não foi isento de lapsos, resgatou-os em rasgos magnificos. Assim o confessou Bocage, quando prostrado pela doença recebeu em dadiwa de admiração desinteressada o soneto de Belmiro:

Ao som da lyra o Thracio, egregio vate
Demanda as tristes regiões do luto!

assim o proclamou nos bellos quartetos da sua resposta, em que respira a gratidão, e puro de paixões e rivalidades, o espirito se levanta digno do seu genio:

Agora, que a seu lobrego retiro
Como que a baça morte me encaminha,

E o coração, que as ancias lhe adivinha,
Debil se ensaia no final suspiro:

Musa de Elmano e musa de Belmiro,
Une-se a gloria sua á gloria minha!
Meu nome aguarentou com voz mesquinha;
Eu justo ao seu não fui, e a sel-o aspiro!

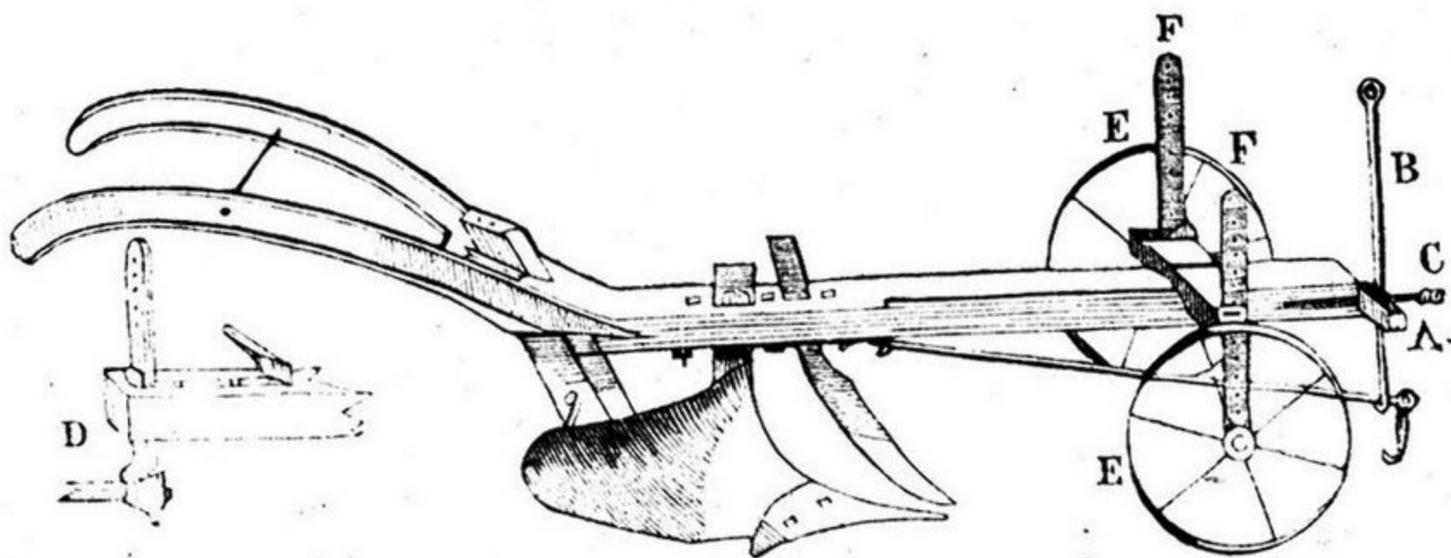
E não contente com o testemunho do seu canto, penitenciando o orgulho em uma nota, que o honra, o moribundo escrevia:

«Quando o homem crê visinhar com o seu nada, as sombras em que o envolvem e abafam as suas paixões se rarefazem e esvaecem aos lumes da justiça e do desengano, ou já lhe brote sobrenaturalmente na alma este phenomeno, ou já porque, evaporado o amor proprio, attente mais nos outros, que em si. Eu, talvez n'esse estado, ou não longe d'elle, confesso ingenuamente, que pela suavidade e apuro do metro (nas composições lavradas com mais esmero e gosto), pelas flôres, pelos esmaltes poeticos de que as amenisa e aformoseia, (em especial as bacchicas) Belmiro está mui sobranceiro aos engenhos vulgares. A razão me pede, que lhe honre o merito; e o coração, que lhe releve a, talvez, injustiça com que trabalhou por me remover de um gráu, havido da voz publica.»

Curvo Semedo merecia o desagravo, e não trahi a memoria do poeta, que tão generoso o concedeu. O louvor não se desdisse nos seus labios depois de frias as cinzas de Bocage. José Agostinho de Macedo, fiel á inveja e ao rancor, obrou de outro modo; recolheu o elogio de cima da campa, aonde o depozera, para soltar a satyra contra uma sombra, que mesmo muda o offuscava. O expectaculo das suas discordias com Elmano, e da reconciliação, que as terminou, fórma um dos capitulos mais curiosos da historia litteraria da epocha, que precedeu a nossa, e insensivelmente se vae apagando, como se meio seculo apenas fosse já um longo periodo de esquecimento.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.



CHARRUA DE ROSÉ.

VULGARISAR a noticia, e recommendar o emprego das mais perfeitas machinas aratorias é um bom serviço, que se presta á agricultura.

A charrua de Rosé, que a gravura representa, está no caso de merecer ser estudada pelos nossos lavradores, a quem cumpre verificar, por continuas e bem dirigidas experiencias, a vantagem da sua introdução e generalisação em Portugal.

Em França tem obtido dezeseis vezes o premio

em concorrência com as melhores charruas, que se conhecem; o que nos parece ser um fortissimo argumento a seu favor.

Esta charrua póde trabalhar como arado simples, ou como arado de escora. Com effeito, tirando-lhe a escora, a charrua de Rosé converte-se n'um arado com o seu duplo regulador horisontal A, e vertical B, dispostos de modo, que se póde calcular a altura e largura do sulco com grande facilidade, fazendo mo-

ver a peça B de cima para baixo, ou da esquerda para a direita, e segurando-a na posição que se quiser com o parafuso C. As rodas EE, que são fixadas, em vez de eixo, sobre umas travessas cheias de furos, FF, podem abaixar-se ou levantar-se simultaneamente, quando se queira, que a relha entre mais ou menos fundo na terra, ou mover-se independentemente uma da outra para conservar o parallelismo do instrumento nas lavras em terrenos de declive. Ao lado do desenho se vê, D, o modo por que estas travessas se seguram ao timão do arado.

Estas charruas são todas de ferro fundido; e podem custar de dez mil réis (sem o jogo dianteiro) até vinte mil réis.

O CONDE SOBERANO DE CASTELLA,

FERNÃO GONÇALVES.

SECULO X.

III.

Na sala de armas.

— «QUE o seu nome (o de Ramiro) seja entregue á execração dos homens, vigario!»

Eram poucos dias depois de interceptadas as credenciaes do rei de Leão para o califa. O conde de Castella estava na sala de armas do seu alcaçar de Burgos, sentado a uma grande meza de carvalho com o vigario Gonçalo Dias á direita. Sobre a meza viam-se alguns pergaminhos enrolados, e um manuscrito arabe, que lançava de si os mais suaves aromas do Oriente. Era composto de folhas de papel de seda, e que luziam como setim. O texto d'este manuscrito, traçado com caracteres cuficos, por entre os quaes sobresaía o vivo carmim dos titulos e das letras capitales, encaixilhava em ornatos, floreteados de cores tão brilhantes, que se podia qualquer mirar a elles como a um espelho. O pavimento da sala era de pedra e enxadrezado. As paredes, forradas de ladrilho, e d'onde pendiam sustidas em ganchos de ferro toda a casta de armas offensivas e defensivas, representavam caçadas e combates. O tecto estava semeado de leões sobre seus castellos dourados. A' porta da entrada servia de reposteiro um panno de Cordova, cujos labores copiavam a celebre batalha de Roncesvalhes.

Ouviu-se fóra a vibração forte e destemperada de um escudo metalico. Era signal de que alguém pretendia fallar ao conde. Abriu-se a porta; franziu-se o reposteiro; e entrou Ruy Flaino, mordomo ou recebedor do districto.

— «Mordomo!» perguntou-lhe o conde, «concluieste a cobrança da finta lançada á judearia para as despesas da guerra?»

— «Senhor, apenas tenho arrecadado metade, isto é, cinco soldos de ouro por cabeça.»

— «Que sommam...»

— «Que sommam,» proseguiu o mordomo, lançando vagarosamente os olhos a um quaderno de apontamentos, que tirou da algibeira, «que sommam cinco mil cento e cincoenta soldos de ouro, salvo erro.»

— «E o resto?»

— «Disse-me Isaac, o arabí-mór, com as lagrimas nos olhos, e com um modo, que até a mim me compungiu, — confesso, que é a primeira vez, que tal me acontece no exercicio do meu emprego, — disse-me

o pobre velho que, ainda vendida e revendida toda a judearia, não poderia garramar-se o total da finta; e que havia de apresentar requesta a vossa honra, para que lhe perdoasse o resto. Emfim deu-me razões taes, que me convenceram, e que estou certo moveriam tambem a vossa honra, se vossa honra me permittisse referir-lh'as.»

— «Dispensamos-te d'esse trabalho. Mas parece-nos, amigo mordomo, que tomas demasiado calor no patrocínio d'aquelle velhaco!» lhe disse o conde, deitando-lhe um lango de olhos malicioso e escrutador. «Ora pois! no praso de oito dias ha de entrar nas minhas arcas o total d'aquella finta.»

— «Mas...»

— «Se Isaac puzer duvidas, diz-lhe que, eu tenho na torre escura do meu alcaçar umas tenazes miraculosas, que podem, ardendo em braza, arrancar n'um santi-amen nariz, orelhas, e até a pelle do casco a qualquer perro descrido.»

— «Mas...»

— «Se tiveres receio de ir só, Gonçalo Dias te dará uma boa escolta para te acompanhar n'essa diligencia, amigo mordomo.»

— «Mas...»

— «Intima a Isaac, que pagará annoeado, se chatinando comigo, não saldar a divida no praso, que te marquei.»

— «Senhor!...»

— «E que então,» continuou o conde, «o ouro todo do tabernaculo, todas as arrecadas das filhas e mulheres da judearia, e todo o Mammon da iniquidade passarão de uma vez para os cofres do mui nobre conde Fernão Gonçalves, amigo mordomo...»

Aproveitando-se da pausa do conde, que até então lhe havia cortado desapiedadamente a trama da sua apologia tenaz, e utilizando a tregoa, que lhe dava uma mosca importuna, que não cessára de o picar na testa e nas faces, Ruy Flaino continuou a insistir:

— «Mas, senhor, a clemencia...»

— «Clemencia!» exclamou o conde, que começava a irritar-se com a obstinação do mordomo. «Que me fallas tu de clemencia, que esóla o christão, e que só procura poupar o judeu!... Clemencia!... Ora vae, e volta de hoje a oito dias, o mais tardar, com o resto da finta, senão bem póde o arabí encomendar a alma ao Deus de Jacob. Olha que, findo este termo improrogavel, a destra mão da velha da Vejarrua lhe arrancará na minha presença um dente por cada dia de móra.»

O illacrimavel mordomo saiu, chorando. Successo raro na chronica dos seus affectos, e desde muitos annos uma só vez occorrido um dia, em que lhe saltou nos olhos o sumo de uma cebola, que estava migando.

Os bésteiros, que pela banda de fóra guardavam a porta de entrada da sala de armas, e que havendo escutado a parte mais substancial do dialogo do conde com Ruy Flaino, tinham por vezes supprindo o riso, apenas viram pelas costas o inexoravel tosquizador do trabalho e da fortuna do povo, e já em distancia, que os não pudesse ouvir, entraram a raspar os pés, a tossir, e a rosar dichotes de escarneo; uma d'essas saudações, de que os beleguins e escrivães são frequentemente festejados nas aldéas, onde vão fazer penhora ou apenamento, muito felizes quando estas amostras do resentimento popular não vem reforçadas com uma esfregação do bemaventurado pau de marmelo.

— «Ide me buscar Othoniel,» disse o conde para Gonçalo Dias, apenas o mordomo foi despedido.

Othoniel, que já foi apresentado aos nossos leitores, era o judeu, espia do califa, que, havia algu-

mas semanas, fôra mettido com todo o segredo em uma das masmorras do subterraneo do palacio de Fernão Gonçalves. Convertendo esta captura em proveito dos seus calculos politicos, o conde ditava, de quando em quando, a Sueyro Gaidiz, o notario, cartas para Abd-el-Rhaman, nas quaes se allegavam motivos falsos, mas com uma côr de verdade ou de verosimilhança, para que o miramolim adiasse a guerra, que publicara contra Castella. Estas cartas, ou rascunhos, depois do notario os verter em arabe, eram copiados pela letra de Othoniel, e assignados por este, simulando assim communicações confidenciaes do espia para Abd-el-Rhaman. O notario confrontava escrupulosamente a copia com o original, e achando que estava fiel, a carta, assim escripta e firmada pelo judeu, era remettida ao califa. O califa era de presumir, que devia de pôr toda a confiança nas missivas de Othoniel, porque ignorava a circumstancia da sua prizão, ignorada de todos, salvo um pequeno numero de pessoas, tão addictas ao conde de Castella, que por ellas nunca este segredo de estado chegaria a transpirar. A maior prova, que Abd-el-Rhaman depositava plena confiança n'aquellas missivas, eram as suas respostas. O mesmo correio, que levava as cartas, trazia sempre a ponto estas respostas, as quaes pelo seu teor pareciam dar todo o peso e credito as informações de Othoniel. Apesar porém de todas estas apparencias, e de todas as cautellas empregadas na correspondencia para embair Abd-el-Rhaman, Fernão Gonçalves chegou a suspeitar, e ainda a convencer-se, que a correspondencia, por alguma razão mysteriosa, não produzia o effeito, que se esperava.

Mas em que fundava o conde as suas suspeitas?

Fernão Gonçalves cartava-se occultamente com Recesmundo, padre mazarabe, que era official (kاتب) da chancellaria do califa, por ser muito versado nas linguas latina e arabe. Este padre, a quem o conde tinha corrompido com ricos presentes e a promessa de um bispado, havia-lhe communicado, que os preparativos para a guerra contra Castella se activavam com grande ardor. N'uma das suas ultimas cartas informava-o, que o exercito dos infieis estava prompto a marchar á primeira voz, o que não se tinha ainda effectuado por doença do califa, originada de certas crises conjugaes ou desavenças, que houvera entre elle e Azarath, a formosa sultana valida. Fernão Gonçalves via pois, e claramente, que as respostas do califa a Othoniel não condiziam com as suas prevenções bellicas, e que as recommendações de Othoniel não tinham feito nenhuma impressão no animo do principe mussulmano. Debalde perguntava o conde nas suas missivas a Recesmundo, occultando-lhe todavia a circumstancia da prizão do judeu, se tinha podido averiguar alguns pormenores da correspondencia entre Abd-el-Rhaman e o espia. Recesmundo respondia, que nada tinha podido alcançar, e que de todas as suas indagações a este respeito só chegara a collier, que aquelle mensageiro era encarregado de negocios de tão alta gravidade, que dois homens unicos, o califa e Soleymão, seu privado, os sabiam.

Fernão Gonçalves perdeu-se então n'um labirinto de conjecturas e desconfianças. Que havia ali fraude, era patente. Mas o conde nem podia suspeitar a honradez de Sueyro Gaidiz, nem duvidar da fidelidade do correio unico, por cujas mãos passava toda a correspondencia entre Othoniel e o califa. Este correio era Pepe, o andaluz, que nossos leitores viram na ceia popular da tia Josepha namorar-se de Anna, a gentilservente da velha da Vejarrua. Pepe, que tinha sido o canal da correspondencia entre Abd-

el-Rhaman e o judeu, em quanto este não foi prezo, continuava a sel-o depois da sua captura. E o andaluz estava prezo a Anna pelo amor, Anna, preza á tia Josepha por affeição e conveniencia, a tia Josepha, preza ao conde por devoção e uma cadeia de ouro, isto é, por uma avultada dóse de soldos, dos quaes Pepe quinhoava. Amarras menos fortes do que estas eram de sobejo para livrar de qualquer naufragio a fidelidade, tão bem ancorada, do pobre Pepe.

D'esta sorte as suspeitas de fraude só em Othoniel deviam de recaír. Mas como podia Othoniel commetter fraude? Só se o judeu não copiasse fielmente os rascunhos das cartas enviadas ao califa. Mas as copias eram cotejadas pelo notario. Logo havia na arabia do notario alguma deficiencia, que lhe não deixava descobrir a falsidade do judeu. A logica de Fernão Gonçalves, depois de andar apalpando um sem numero de hypotheses, chegou a esta primeira conclusão com a alegria, que seute o navegante, quando, depois de vogar muito tempo erradio em mares desconhecidos, descobre a final a terra, que procurava. A outra conclusão forçosa era que esta meada não se podia desembrulhar sem o interrogatorio do réo. Foi por isso que, segundo dissemos, o conde ordenou ao vigario, que lhe fosse buscar Othoniel:

— « Não vades sem uma espada ou um punhal. »

Esta recommendação era escusada para o vigario, que em casos de duvida ou de perigo aconselhava-se sempre com o gume de um ferro, e que, armado d'elle, desceu para a masmorra, onde jazia o judeu, por um alçapão cerzido no pavimento marmoreo da sala.

Ouviu-se outra vibração do escudo, e entrou Sueyro Gaidiz, o notario.

D'ahi a poucos minutos voltou o vigario com o prezo.

Com umas barbas muito longas, o rosto macilento e descarnado, os olhos em que reluzia a raiva de um tigre engaiolado de fresco, mas com semblante, que revelava um animo superior á desventura, appareceu Othoniel ante o conde.

(*Continúa.*)

ANTONIO DE OLIVEIRA MARRECA.

APONTAMENTOS DE VIAGEM.

UMA HISTORIA NO BUSSACO.

XVI:

IMMOVEL, com os labios lividos e entreabertos, com a vista baça, com o rosto banhado pelo suor da agonia, se conservou o mancebo por alguns momentos ao pé do corpo inanimado de sua mãe.

Depois arremegou-se sobre ella com desespero, partiram-lhe do peito esses gritos seccos e estridulos, que são o primeiro symptoma das terriveis tempestades da alma, sons que chegam ás entranhas de quem os ouve, e que ao soltarem-se parece que estalam as fibras do coração.

Quando os criados acudiram encontraram-no desmaiado, conduziram-no para o seu quarto, deitaram-no no seu leito, conservou-se tres dias delirante. Assim que a violencia da febre cessou, quando a sua razão lhe voltou clara outra vez, encontrou ao pé de si um amigo, que chegara de longa viagem, e que procurando Paulo, e encontrando-o n'aquelle estado, nunca mais abandonara a cabeceira do seu leito.

— «Eugenio, foi Deus, que te trouxe; não me desampares, não te afastes do pé de mim,» disse o mancebo, quando viu ao seu lado tão inesperadamente o amigo da infancia.

— «Não, deixa estar, socega, trata de te restabelecer; venho viver aqui, e não te abandonava n'esse estado.»

— «Obrigado, Eugenio, obrigado. Tu sabes...»

— «Sim, sei tudo; mas é mister ser homem...»

As lagrimas, que se haviam estancado nos olhos de Paulo, principiaram a derivar-se d'elles abundantemente, dilatando-lhe suavemente o coração.

A imagem de Luiza! oh! essa imagem que lhe apparecia agora como unico fanal de esperança no sombrio horizonte da sua vida, viera com o doce pungr da saudade desafogar-lhe o peito do terrivel pezo, que o esmagava.

XVII.

No fim de quinze dias, encostado ao braço do amigo, saiu Paulo a respirar o ar fresco da tarde por aquelles campos.

Quando viu de longe a casa de Luiza, abandonada e deserta; quando alongou os olhos pelas campinas, pelas encostas, pelas margens do rio, onde outr'ora passára tantos dias de ineffavel felicidade, imagina o que não sentiria aquelle coração!

Quasi ao pôr do sol chegaram ambos ao adro da ermida. Paulo dirigiu naturalmente os passos para lá. Desde a partida de Luiza era aquelle o seu passeio favorito.

— «Está muito mudado isto,» disse Eugenio, depois de alguns momentos de silencio.

— «É verdade,» respondeu Paulo com tristeza.

— «D. Affonso de Menezes foi para Inglaterra com sua familia.»

— «Já o sabias?»

— «Estive com elles em Londres, talvez não haja ainda tres mezes.»

— «Estiveste?» perguntou Paulo, estremecendo involuntariamente.

— «Estive, e vi-os muitas vezes, a filha, que deixei aqui uma creança, custou-me a conhecê-la; achei-a já mulher feita, e linda como uma estrella. É verdade, tinha-me esquecido dizer-te...»

— «O que?»

— «Casou oito dias antes de eu partir para Lisboa, com um portuguez já idoso e rico, que se namorou da sua formosura.»

— «Casou quem, homem?»

— «Luiza, a filha de D. Affonso de Menezes; assisti ao seu casamento; que mais queres?»

Apenas Eugenio acabara de soltar estas palavras, Paulo caiu redondamente no chão, como se um raio o tivesse fulminado.

O amigo levantou-o nos braços, e procurou tornallo aos sentidos. Vendo que Paulo não dava indício algum de vida, chamou para que lhe acudissem. Logo que os criados chegaram conduziram-no para casa. Passada uma hora, Paulo recuperava os sentidos. Eugenio, extatico diante d'elle, interrogava-o com os olhos.

O semblante do mancebo estava sereno. Mas quando Eugenio ia a fallar encarou-o tão fito e de um modo tão extraordinario, que elle não se atreveu a proferir uma palavra sequer.

Depois, Paulo, correndo a mão pela testa coberta de suor frio, disse:

— «Ha tempo que sou sujeito a ter estas vertigens; mas não é nada, em tomando ar, em socegando um pouco, fico totalmente restabelecido.»

XVIII.

No dia seguinte, quando Eugenio foi saber do seu amigo, não o encontrou; perguntou por elle ao criado, e este disse-lhe que seu amo não ficára em casa, que já tinha percorrido varios sitios para ver se o encontrava, mas que não tinha podido obter noticia alguma.

Foram baldadas as indagações; Paulo havia desaparecido.

D'ali a muito tempo Eugenio soube, que o mancebo professára no convento dos carmelitas descalços do Bussaco.

XIX.

O primeiro pensamento de Paulo, quando soube que Luiza tinha casado, foi o de suicidar-se. Depois, como reacção natural de uma alma onde as crencas do catholicismo estão profundamente arreigadas, recuou diante d'essa idéa.

A imagem de sua mãe nos momentos antes de morrer, o juramento que lhe prestára sobre a cruz sacrosanta, a bênção, que por ella recebera com o ultimo suspiro dos labios maternos; toda essa scena em fim, que se lhe gravára tão profundamente no coração, lhe deu força para supportar o tremendo sacrificio da vida.

Sem um gemido, sem uma lagrima, sem um grito, que atraçoasse as cruéis angustias por que a sua alma estava passando, bateu Paulo a porta do humilde convento, e encerrou-se para sempre n'aquella lugubre clausura.

Quem pôde fazer a historia de certos padecimentos? O maior physiologista do coração, o que tenha aprendido a conhecer pela experiencia propria, e pela observação nos outros, que cousa são certas dôres moraes, não seria capaz de traduzir n'esta arvezada lingua, que fallam os homens, as attribuições, as agonias indiziveis, que se revolviam n'aquelle espirito.

Viste ha pouco esses corredores sombrios e abaladiços, faltou-te a respiração, quando entraste n'essas escuras e acanhadas cellas? Pois Paulo, no fim de estar ali um anno, tinha os cabelos brancos, os olhos turvos e encovados, a pelle macilenta e enrugada!

Quem diria ao vê-lo ser esse o gentil mancebo, que havia apenas dous annos corria a cavallo pelas ferteis campinas da minha aldêa, agil, robusto, cheio de illusões e de esperanças no futuro!

Oh! como a Providencia castiga as vezes o homem na terra! Para ver até onde chega a nossa confiança n'ella, para avaliar até que ponto a nossa alma cre na sua misericordia infinita, nos dá por instantes a provar a taga, que encerra o balsamo das delicias; nol-a arranca dos labios, depois, e nos faz esgotar em vez d'ella a que trasborda do mais amargo absyntho!

Feliz ainda do que não duvida, do que firme na sua fé, escudado pela sua creença, trilha com os pés ensanguentados as espinhosas veredas d'este mundo, pondo os olhos esperancosos no longinquo horizonte da outra vida!

Paulo cria em Deus, o seu espirito estava votado inteiro a elle; mas o seu coração!... n'esse debalde procurava obliterar o que havia de acerbo, de corrosivo e de mundano!

De noute só, no pequeno jardimzinho proximo da sua pobre cella, cravando os olhos no curto espago de céu, que os altos muros lhe consentiam ver, que momentos, que horas de infinita amargura não passava elle!

As vezes, nas noutes serenas de abril, quando a lua

cursava o firmamento purissimo, e a viração do norte, impregnada no perfume da floresta virgem, vinha brandamente bater-lhe nas faces... o seu passado, todo o seu passado risonho, suave, magico, se lhe desenhava na memoria.

Então o coração do homem batia alvoroçado sob o habito grosseiro e negro do frade; os labios afeitos a orações articulavam tremulos um nome querido; os olhos, que costumavam cravar-se seccos e mortigos sobre as paginas dos livros santos, erguiam-se ao céu resplandecentes e orvalhados de lagrimas, porque a phantasia representára diante d'elles a imagem seductora da mulher, que tinham adorado.

A's vezes murmurava mansinho aquella valsa, que Luiza compozera uma noute ao pé d'elle; depois os soluços embargavam-lhe a voz na garganta, e o pobre frade desatava a chorar como uma creança!

XX.

Vieram os acontecimentos de 1833. As ordens religiosas foram extinctas.

Paulo não tinha nada mais no mundo do que as quatro paredes da sua sombria cella, e as flôres e os arbustos do seu pequeno jardimzinho.

Á custa de quantas lagrimas, de quão incriveis sacrificios se não tinha elle habituado áquella solidão absoluta, áquelle silencio tetrico? Que tinha o mundo para lhe dar? O que iria encontrar n'elle? Que lhe importavam as suas grandezas? Onde a voz amiga, que o consolasse? Atravez da lousa do sepulchro não pôde transudar o murmuro humano; senão ao pé do tumulo de sua mãe escutaria palavras de ternura e affecto!

De outros labios não as ouviria elle nunca mais!

Quatro annos quasi, quatro annos de penitencia e vigílias, de insomnia e cogitações, em que derramára o mais puro sangue do seu coração de envolta com as lagrimas, que lhe caíam dos olhos, haviam extenuado tanto o seu corpo como o seu espirito, apagando da memoria a recordação de tudo quanto a vida na juventude tem de illusorio, de seductor e de fascinante.

Uma lembrança havia, uma imagem, que, se lhe tornasse a apparecer pura, immaculada outra vez diante dos olhos, converter-lhe-ia repentinamente n'um paraizo a existência. Mas essa via-a apenas por instantes assim, e logo vinha o íntimo bradar da consciencia, tornando palpavel a realidade, varrer-lh'a para sempre da imaginação.

Aquellas paredes haviam escutado os seus gemidos, aquelles habitos, que o amortalhavam, tinham embebido as suas lagrimas ardentes; ali se sepultára em vida, ali queria morrer, ali esperava imperturbavel e resignado, que chegasse a hora extrema, e que o libertasse da vida, que tão pezada era para elle!

E todavia, quando as portas dos conventos estalaram aos golpes dos machados, e os infelizes frades foram sem piedade expellidos, Paulo, arrancado á forga do cantinho da sua cella, viu-se no meio do mundo, onde não conhecia, onde não tinha ninguem. Já não havia golpe capaz de ferir a embotada sensibilidade do seu coração; todas as suas fibras tinham estalado; restava-lhe um unico sentimento, que havia de acabar quando elle acabasse; era o do amor imenso, que votára aquella mulher. Sabia-a perjura, tinha a consciencia de que vivia feliz nos braços de outro, mas amava-a ainda, oh! amava-a com todo o poder da fatalidade!

(Continúa.)

R. A. DE BULHÃO PATO.

POESIA.

Á PRIMAVERA.

(Schiller).

Oh! bem vinda, formosa donzella,
Encanto da mãe Natureza;
Com teu lindo cestinho de flôres,
Bem vinda por esta deveza!

Ah! tu vens visitar-nos de novo,
E vens como outr'ora tão linda!
O prazer me trasborda no peito,
Por vêr qu'entre nós és ainda.

Não te lembras da minha pastora,
Quão terna e formosa então era?
Adorava-me a linda zagala,
Amor em seu peito ind'impera.

P'ra seu seio formosas boninas
De ti eu então alcancei;
Venho agora a pedir-t'as de novo;
Que tu m'as darás, bem o sei.

Oh! bem vinda, formosa donzella,
Enlevo da mãe Natureza;
Com teu lindo cestinho de flôres,
Bem vinda por esta deveza!

J. G. MONTEIRO — ECCOS DA LYRA TEUTONICA.

— O amor é uma gôta celeste, que a Providencia verteu no calix da vida para lhe corrigir o amargor.

— A Providencia deu a esperanza por companhia á afflicção. Assim aquelles, que têm soffrido muito, são os que mais sabem quanto é doce o esperar.

— Os homens estão todos de acôrdo sobre os principios da justiça; mas a maior parte d'elles differem na applicação.

— Os ambiciosos e os lacaios vestem indifferente-mente todas as librés.

— O amor é a mais credula e a mais incredula de todas as paixões.

— O remorso é o primeiro algoz, que crava o punhal no seio do culpado.

BASTOS — PENSAMENTOS.

Acha-se á venda no armazem de livros do editor do *Panorama*, rua do Ouro, n.º 227 e 228, o tomo 4.º das **Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage**, collegidas em nova e completa edição, dispostas e annotadas por I. F. da Silva: e precedidas de um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por L. A. Rebello da Silva. Contém 387 paginas, de 8.º francez: — preço, para os senhores subscriptores, pago á entrega do volume, 600 rs.; avulso 720 rs.

Os tomos seguintes publicar-se-hão successivamente, ficando a obra completa no anno corrente de 1853.